

## INTERVENÇÃO DE TRIBUNA

### EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhora e Senhores Membros do Governo,

Brincar aos teatros, às danças, aos músicos ou aos pintores é tema recorrente entre as crianças. Mas menos frequente é ver ou ouvir reflexões, dos adultos, sobre a importância que essas brincadeiras têm no desenvolvimento integral das nossas crianças e jovens.

O propósito que me traz, hoje, aqui à tribuna é fazer com que todos reflectamos sobre a importância, cada vez mais urgente, da Educação Artística proporcionada às nossas gerações mais novas. Para tal vou recorrer e socorrer-me dos principais objectivos e conclusões da Conferência Mundial de Educação Artística que

decorreu no passado mês de Março, entre os dias 6 e 9 em Lisboa, promovida pela UNESCO.

O primeiro destaque vai para a importância de tal evento ter decorrido em Portugal que tinha como concorrentes a Coreia do Sul e o Canadá, o que aconteceu após um longo processo negocial. Segundo Manuela Galhardo, vice-presidente da Comissão Nacional da UNESCO, na decisão para que fosse em Portugal terá pesado o facto do nosso país ter entrado recentemente para o Conselho Executivo da UNESCO.

O objectivo principal dessa reunião magna (representantes de 97 países marcaram presença) foi o de afirmar, de forma peremptória, a necessidade de construir capacidades criativas nas novas gerações do século XXI e estabelecer a importância da implementação da Educação Artística em todas as sociedades. De salientar, ainda, o particular enfoque dado à urgência de uma prática efectiva da Educação Artística, para crianças e jovens provenientes de classes

sociais mais desfavorecidas, como forma de integração social e de desenvolvimento individual equilibrado.

Tal evento reveste-se de grande interesse, dado que paulatinamente todos os países vão reconhecendo a importância e a urgência da implementação efectiva e a concretização de uma prática pedagógica crescente, em termos de tempo lectivo, das artes na Escola.

A primeira palavra que surge antes e depois dessa Conferência Mundial é "direito". Direito absoluto da criança, consagrado na convenção dos direitos da criança, o direito delas participarem plenamente na vida cultural e artística em condições de equidade. Os maiores investigadores da matéria foram unânimes em afirmar que nas reuniões preparatórias que decorreram em cinco regiões diferentes por todo o mundo, quer no topo das conclusões dos trabalhos, que a Educação Artística é um Direito do Homem, expresso na respectiva declaração universal, a usufruir de todos os meios que favoreçam o seu desenvolvimento.

O Director Geral da UNESCO, no seu discurso de abertura, lembrou aos participantes que “num mundo confrontado com novos problemas à escala planetária, a criatividade, a imaginação e a capacidade de adaptação, competências que são desenvolvidas pela Educação Artística, são tão importantes como as mestrias tecnológicas e científicas necessárias para resolver estes problemas”. De salientar ainda, no mesmo discurso, que “a Educação Artística pode e deve ser, muitas vezes, um instrumento estimulador do enriquecimento educacional e do processo de ensino-aprendizagem, tornando, assim, a aprendizagem mais acessível e mais efectiva”.

O Professor António Damásio na sua nota de abertura na Conferência, enfatizou o facto de ser perigoso o terreno em que nos movemos ao situarmos o ensino das disciplinas científicas e da matemática acima – vários degraus acima – das artes e das humanidades. Segundo o Professor, “A tradição tem separado cognição de emoção. Mas essa desconexão entre a parte cognitiva e

a parte emocional pode gerar indivíduos não permeáveis às regras da cidadania”, explicou, reforçando que “a matemática e a ciência não fazem cidadãos”. Para ele a chave está “em fomentar a criatividade, condição para a inovação tanto nas ciências como nas artes. Einstein propôs uma incrível mistura de linguagens, ao falar da beleza de uma equação matemática e, ao referir o sentido de proporção, de precisão e de exactidão como pontos centrais na linguagem artística”. Fez ainda questão de realçar que “as disciplinas relacionadas com as artes não são um luxo mas sim uma necessidade, porque além de contribuírem para a produção de cidadãos capazes de inovar, são um elemento essencial no desenvolvimento de capacidades emocionais, fundamentais para um comportamento moral saudável”.

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhora e Senhores Membros do Governo,

Naquela conferência debateram-se temas como a importância indiscutível das artes enquanto parte integrante do sistema educativo, o seu papel na preservação da diversidade cultural, a convicção de que os processos artísticos permitem cultivar a criatividade, a iniciativa, a inteligência emocional, os valores morais, a autonomia e o espírito crítico e, por fim, a definição do que é a qualidade – e não somente a acessibilidade – do ensino. Estes temas constituíram os restantes pontos em destaque no documento indicador do consenso a que se chegou no fim dos trabalhos realizados em Lisboa.

Como se pode inferir do exposto até aqui, o debate centrou-se na necessidade de mudar o rumo da educação, orientada sobretudo para a competitividade e para o conhecimento tecnológico num mundo cada vez mais crivado de diferenças sociais e de conflitos geopolíticos, onde o conceito de tolerância e criatividade talvez devessem estar na primeira linha de qualquer pedagogia.

Para terminar essa primeira abordagem centrada, pelos intervenientes aqui citados, na necessidade cada vez mais urgente de se educar cidadãos que sejam capazes de se desenvolverem de forma equilibrada, racional e emocionalmente, podendo tal equilíbrio ser alcançado através da Educação Artística, citarei, ainda, as palavras proferidas pelo Professor Emílio Rui Vilar, presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian que, baseado nas ideias filosóficas de Platão, lembrou os presentes “que a concepção de sociedade implica não só uma busca para a verdade, a abundância e o bom, mas é também baseada na perseguição da beleza e do prazer. Num tempo em que o consumo cultural está a tornar-se vulgar e, os limites da arte, decoração e divertimento se estão a esbater, o pensamento crítico é mais preciso do que nunca. Nesse contexto, o desenvolvimento sustentado requer um envolvimento, simultâneo, de todas as dimensões da sociedade e para tal, a criatividade e a identificação precoce dos talentos é crucial”

Na conclusão do relatório da Conferência Mundial sobre a Educação Artística pode ler-se que se torna urgente criar linhas prioritárias de acção imediata, e fazer emergir temas com maior relevância para serem reflectidos e esclarecidos com mais profundidade. Destacam-se o Papel das Artes na Sociedade, Criatividade e Imaginação, Definição da Educação Artística abrangendo a Herança Cultural e, a Co-Existência das formas de Arte Tradicional e Contemporânea.

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhora e Senhores Membros do Governo,

Não basta interiorizarmos o que de mais relevante foi abordado durante os trabalhos que decorreram em Lisboa, importa reflectirmos até que ponto podemos adiantarmo-nos nesses temas que estiveram em debate. Apesar da nossa Região ter vivido longe durante demasiado tempo dos centros de debate das questões artísticas, os Açores constituem um espaço privilegiado para



funcionar como laboratório. E, sendo reconhecidamente uma Região que propicia a criatividade e aguça o espírito pelo seu isolamento geográfico, saibamos então, agora, tirar partido da globalização, que também nos abrange, e debatamos entre nós, experimentemos até, estes conceitos, que não sendo novos, se impõem às sociedades modernas.

Urge experimentarmos políticas educativas que misturem novas pedagogias, resultantes de uma conexão entre a Educação Artística e a Inclusão Cultural, e que fomentem o desenvolvimento da Cidadania. Assim, conseguiremos incutir maior espírito crítico aos nossos jovens, maior e melhor conhecimento da sua herança cultural e despoletar o interesse e a curiosidade pela fruição e criação cultural que caracteriza o século XXI, através de uma aprendizagem que, podendo ser lúdica, será decerto proveitosa e eficaz.

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhora e Senhores Membros do Governo,

Ensinar artes ou ensinar pelas artes é muito mais do que brincar, é sobretudo transmitir, através da linguagem corporal e estética, saberes. Quer queiramos quer não, a linguagem corporal, seja pela voz, pelos gestos, pelos sons, pelo que sai das mãos, tudo o que vem de dentro de cada um de nós para fora através do corpo, mesmo em silêncio, é a linguagem que todos dominamos melhor desde crianças e que exprime, inequivocamente, aquilo que cada um vivenciou. Pensar a melhor forma de educar essas vivências, transmitir esses saberes e ensinar o gosto pelo belo é um dever que cabe a todos e a cada um de nós.

Disse.

Horta, sala das sessões, 5 de Abril de 2006

A Deputada Regional

Catarina Furtado